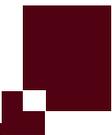


ANTROPOLOGIA NO CIBERESPAÇO: Reflexões Sobre Método Etnográfico em Hipermídias

ANTHROPOLOGY IN CYBERSPACE: REFLECTIONS ON THE ETHNOGRAPHIC METHOD IN HYPERMEDIAS

Darnisson Viana Silva¹



RESUMO

Este artigo busca focalizar algumas problemáticas para abordagens de uma Antropologia voltada às novas modalidades de interação humana no mundo contemporâneo. Elas apontam para questões em torno de como lançar luz a novos saberes e fazeres etnográficos, tendo em vista as ambiguidades produzidas tanto pelos sujeitos observados, quanto pelos métodos e análises adotados pela Antropologia em ambientes da hipermídia e de novas tecnologias. Desta forma, faz-se um sucinto percurso pelos dilemas da autoria e da autoridade etnográfica no exercício do pesquisador, onde nos propomos a pensar as dimensões de apreensão ontológica do “real” / “virtual” da alteridade mediante o uso destas novas tecnologias.

Palavras chave: Cibercultura e ciberespaço; (n)etnografia e ambiguidades; “Estar Lá” on-line e off-line.

ABSTRACT

This article aims to focus on some problematic for an anthropology oriented approaches to new forms of human interaction in the contemporary world. They point to issues around how to shed light to new ethnographic knowledge and practices, given the ambiguities produced both by the subjects as observed by the methods adopted for the analysis and Anthropology in hypermedia environments and new technologies. Thus, it is a brief tour through the dilemmas of authorship and authority in the exercise of ethnographic research, where we propose to think about the dimensions of ontological apprehension of the “real”/“virtual”

¹ Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande. Mestre em Antropologia pela Universidade Federal da Paraíba e graduado em ciências sociais pela Universidade Estadual Paulista. Pesquisador discente do Laboratório de Estudos sobre Tradições - LETRA (CNPq).

otherness through the use of these new technologies.

Keywords: Cyber culture and cyberspace; (n) ethnography and ambiguities; Being There online and offline.

INTRODUÇÃO

No mundo contemporâneo o desenvolvimento de novas tecnologias tem produzido grandes mudanças no comportamento dos indivíduos e, em especial, na subjetividade daqueles pertencentes diretamente à “Geração digital” (NICOLLACI-DA-COSTA, 2006). Estas novas tecnologias colocam à disposição não só novos saberes, mas, sobretudo novas possibilidades de interação, consequentemente uma nova relação com a cultura² emerge, ou melhor, uma cibercultura³ se faz proeminente no atual contexto. A recorrência e/ou facilidade das novas gerações do uso de novos suportes de informação e de outras formas de linguagem para produzir, reproduzir ou mesmo consumir informação – a exemplo da

fusão do hipertexto com a multimídia (a hipermídia) – pode ser observada e analisada por uma dupla apropriação: 1) Como via de acesso e entretenimento de produtos culturais e tecnológicos (como parte de toda relação mercadológica atual); 2) Como novo espaço de socialização do conhecimento, de organização da vida e construção de subjetividades no processo atual de comunicação planetária.

Não há como negar as facilidades que trazem os recursos tecnológicos da contemporaneidade na consumação de nossas vidas. Tendo em vista estes aspectos, uma parte dos estudos antropológicos, recentemente, tem direcionado suas preocupações em compreender relações que hoje estão engendradas em termos deste contexto e experienciadas no emaranhado de suas extensões. Uma das questões que logo surge quando abordamos estas novas relações é o real alcance do método e perspectiva teórica adotados no viés analítico. Magnani (2009) a respeito do inusitado entendimento da pesquisa etnográfica, no meio empresarial, como “uma espécie de estágio”⁴ - nos faz pensar como algumas distorções podem trazer alguns constrangimentos para nossa área de conhecimento. Tais reflexões nos fazem

² Cultura aqui entendido nos termos de Fredrik Barth, do qual sua avaliação da noção de cultura interessa explorar o grau e os tipos de conexões verificados neste domínio em várias condições de sociedade (BARTH, 2000). E de Manuela Carneiro da Cunha para quem “a cultura não é algo dado, posto, algo dilapidável também, mas algo constantemente reinventado, recomposto, investido de novos significados” (CARNEIRO DA CUNHA, 1986, p. 101)

³ Movimento deflagrado na região devido ao conflito de agricultores “posseiros” com uma empresa de venda de terras. Para mais detalhes ler LAZIER (1986) e MARTI Longe de ser uma subcultura dos fanáticos pela rede, a cibercultura expressa uma mutação fundamental da própria essência da cultura. De acordo com a tese que desenvolvi neste estudo, a chave da cultura do futuro é o conceito de universal sem totalidade. (LÈVY, 1999, p. 247) [...] Essa universalidade desprovida de significado central, esse sistema da desordem, essa transparência labiríntica, chama-o de “universal sem totalidade”. Constitui a essência paradoxal da cibercultura. (LÈVY, 1999, p. 111). NS (1990).

⁴ O autor, em seu artigo, inicia sua comunicação fazendo uma reflexão sobre a disseminação da etnografia em outras áreas, cujas apropriações trazem uma série de mal-entendidos e consequentemente “certa” banalização do método aludido.

convergir para algumas inquietações: qual a especificidade da etnografia? (MAGNANI, 2009) e como descrever esse momento às vezes fugidio, mas decisivo no trabalho de campo de todo antropólogo?

Se levarmos em conta, por um lado, o que nos propõe Magnani de encarar a etnografia como prática e experiência, de proceder com um olhar de perto e de dentro a partir dos arranjos dos próprios atores sociais envolvidos, de encarar a paisagem onde a ação se dá não como mero cenário, mas parte constitutiva do recorte de análise, de afirmar que não se pode separar etnografia nem das escolhas teóricas, nem da particularidade dos objetos de estudos que impõe estratégias de aproximação com os sujeitos observados e no trato com os interlocutores (MAGNANI, 2009). Como proceder quando o “Campo” encontra-se a partir do emaranhado de links na hipermídia? Quando os horizontes antropológicos constituem ubiquamente materiais simbólicos, imagens, sons e textos dispersos nas malhas da interface gráfica da web? Quando o cenário, seus equipamentos e práticas sociais são apresentados parcialmente na tela do computador, evidentemente o “Estar Lá” que autoriza e legitima um tipo textual (ao contrário dos empreendimentos etnográficos clássicos o fizeram e nem por isso deixam de ser questionados) não se realiza plenamente e nos coloca, portanto, novos desafios ou senão problemas peculiarmente complexos e instigantes.

QUANDO O “CAMPO” É O CAMPO DA DESORDEM, DO FLUXO-FLUÍDO E DO FUGIDIO

A literatura emergente sobre a Internet tem focado suas abordagens em comunidades e relacionamentos on-line “implementando” o que poderíamos chamar de “etnografias virtuais” ou “etnografias do ciberespaço” (HINE, 2000), fazendo surgir desdobramentos e usos do significado do termo “etnografia” em variadas disciplinas que, segundo autores como Daniel Miller e Don Slater, demandam distinções e análises mais atentas.

Pensando a respeito de abordagens que utilizaram pesquisas on-line e off-line, estes autores nos apontam, a partir de experiências próprias e pesquisas complementares, os riscos e efeitos de premissas simplistas que algumas análises podem incorrer ao reificar fenômenos e contextos. Exemplo claro disto é perceber, em uma pesquisa, a diferença de pressupor que “a internet forma inerentemente relacionamentos “virtuais” e pode, portanto, ser estudada como cenário autocontido (ignorando os “contextos” off-line)” (MILLER; SLATER, 2004, p. 46). Em contrapartida descobrir, no meio de uma etnografia, que algumas pessoas tratam essas novas mídias de maneira virtual e fazem de tudo para separar seus relacionamentos on-line dos off-line. O autor nos alerta para o fato de que é preciso “desagregar a Internet na profusão de processos, usos e “tecnologias” sociais que ela pode compor em diferentes relações sociais” (MILLER; SLATER, 2004, p. 46) e que, portanto, considera.

Isso fornece a base para nossa posição consistente contra muito da literatura prévia sobre a Internet. O problema não é só a falta generalizada de envolvimento contextualizado e em longo prazo. Nem é simplesmente a fascinação com o “virtual” e o “ciberespaço”, que tem levado tantos pesquisadores a conduzir estudos inteiramente on-line sobre os modos de interação e relacionamento específicos ao cenário on-line. O problema, ao contrário, é a falta de atenção às formas em que o objeto e o contexto precisam ser definidos em relação um ao outro para projetos etnográficos específicos. Às vezes, o uso da Internet parece constituir virtualidades, às vezes não. Certamente, no entanto, as diferenças observadas sobre esse assunto irão ou deveriam mudar as formas como um(a) pesquisador(a) reflete sobre a complexa relação entre pesquisa on-line e off-line, ao invés de incitá-lo (a) a começar de uma posição presumida e dogmática sobre esse tema (MILLER; SLATER, 2004, p. 47).

Don Slater em seu primeiro trabalho, no qual o cenário era uma pequena esfera de interação (troca de sexpics⁵ no Internet Relay Chat), constata que “colocar no contexto” traduziria características mais amplas, mas ainda substancialmente on-line, dado que essa conectividade era o enfoque do seu estudo. Por outro lado, Miller e Slater (2004, p. 44) considera que “se limitar à pesquisa on-line não necessariamente implica que contextos mais amplos se tornem invisíveis ao pesquisador”. Em sua pesquisa, o autor percebeu que era possível e necessário contextualizar o que foi observado em

termos de aspectos como discursos sobre sexualidade, instituição família, usos da tecnologia sob o signo de gênero, entre outros. Concluiu que essas características poderiam ser abordadas, tanto pela emergência em que foram observadas on-line, quanto pelos conhecimentos de fundo, ou seja, do contexto off-line. Mas, o que tudo isto significa, afinal? Vejamos a resposta de um dos autores.

Isso significa retornar à questão sobre o que exatamente nós podemos querer dizer com os contextos e as molduras da pesquisa etnográfica. Em anos recentes, escritores como Latour (1996) e Strathern (1999) têm questionado a separação da investigação em objetos e sujeitos, de um lado, e seus contextos, de outro, como se fossem entidades separadas, as quais o etnógrafo, como analista, reúne novamente de alguma forma. [...] Eles se opõem à ideia, por exemplo, de que alguém poderia ter um estudo sobre obras de arte onde a sociedade seja especificada como o contexto, ou um estudo das relações de classe onde a economia política é definida como o contexto. Assim, a crítica deles traz, de alguma forma, a antropologia social de volta a um alinhamento próximo ao estudo da cultura material, um ramo da antropologia que manteve um conceito de cultura como um processo que produziu tanto a materialidade quanto relações sociais, sem que qualquer um fosse anterior ao outro (Miller, 1987). Todas essas abordagens sugerem que a etnografia deveria formar parte de um esforço para dissolver qualquer dualismo desse tipo e reconhecer que o relacionamento entre fenômeno e seus

⁵ Materiais sexualmente explícitos.

contextos seja visto como recíproco [...] (MILLER; SLATER, 2004, p. 46).

Embora a primeira pesquisa de Slater tenha sido conduzida inteiramente na internet, ou seja, on-line, muito do seu entendimento atual sobre as atividades on-line do grupo pesquisado, perpassa por uma compreensão dos relacionamentos off-line dos sujeitos em questão, isto é, nos termos do autor:

Por exemplo, para entender o que algumas donas-de-casa norte-americanas estavam fazendo quando elas gastam horas envolvidas nessa troca de sexpics é necessária a compreensão de seus relacionamentos off-line, em geral com seus parceiros. Isto, por sua vez, explica um dos mais surpreendentes resultados que foi que, ao invés de serem uma vanguarda libertária, muitas daquelas envolvidas têm visões estreitas e, por vezes, bastantes conservadoras sobre a moralidade da atividade na qual estão envolvidas. Por exemplo, elas podem ficar bastante chateadas com aqueles que fraudam a quantidade de trocas que foram combinadas ou que trocam fotos que são consideradas como além de suas convenções como sexpics apropriados ou moralmente justificados. Em síntese, este não é um estudo em que há simplesmente um fenômeno – a troca on-line de sexpics, do qual o off-line é o contexto que o explica. Ao invés disso, há um reconhecimento do relacionamento complexo e nuancado entre mundos on-line e off-line que produz as estruturas normativas desses dois mundos (SLATER, 2000 *apud* MILLER; SLATER, 2004, p. 47).

Com efeito, enxergar este processo é pensar de alguma maneira como esses compromissos (“colocar as coisas no

seu contexto”) devem ser honrados em termos das questões, condições e contextos particulares da pesquisa (MILLER; SLATER, 2004).

Pensando a respeito das experiências genuínas que o ciberespaço engendra enquanto “lugar”, em si próprio, onde as coisas acontecem a todo o momento, para seu estatuto de “realidade”, Joo Ho Kim (2004, 2005) revisita diversos autores e especialistas para tentar fazer um esboço das fronteiras do ciberespaço, onde perfaz um caminho que vai do abstrato ao sensível examinando seus efeitos.

A preocupação de Sterling com o estatuto de “realidade” tem a ver com a natureza do ciberespaço atualmente conhecida como “virtual”. Esse “virtual” é apreendido, em muitos casos, como uma oposição à natureza “real” da “realidade”. Entretanto, o reconhecimento de que a “realidade” é “uma qualidade pertencente a fenômenos que reconhecemos terem um ser independente de nossa própria volição (não podemos ‘desejar que não existam’) (Berger; Luckmann, 1998, p. 11) basta para ver que essa oposição “virtual” versus “real” é ilusória e bastante confusa. Os crimes “virtuais” estão aí para nos mostrar de uma forma bem dura que a “virtualidade” do ciberespaço possui uma inegável natureza coercitiva de “realidade”. O fato é que somos seres “virtuais”, queiramos ou não, ao menos dentro do banco de dados de corporações e governos, e cada vez mais temos o conhecimento [...] – de que o ciberespaço, apesar de virtual, é bastante “real” (KIM, 2004, p. 213).

Dessa forma, podemos trabalhar com a perspectiva de que existe uma camada de interação sensível entre o homem e o ciberespaço, que produz efeitos “reais” e

tem consequências muito genuínas e que, portanto, pode ser observado e analisado o seu modo de operar, mesmo de forma ambígua os seus dois sentidos: o poder de simular mundos e o de mascarar.

A contrapartida da naturalização do ciberespaço é que nos tornamos, também, extensão dele: à medida que a virtualidade se transforma em campo de ação prática, cada vez mais a realização total do ser humano prescinde de sua inserção como coisa virtual do ciberespaço (KIM, 2004, p. 216).

Nesse processo, a saber, são milhares de pessoas “conectadas” em redes interagindo e distribuindo informação em fluxo constante e crescente, num ritmo cada vez mais veloz produzindo uma matriz internacional sem precedentes em sua escala. Pensemos aqui fluxo em termos em que coloca Fredrik Barth e Ulf Hannerz, o primeiro ao conceito de cultura e relações sociais, para quem, “a cultura está sempre em fluxo e em mudança, mas também sempre sujeita a formas de controle” (BARTH, 2005, p. 22) o segundo “o termo já se tornou transdisciplinar, um modo de fazer referência a coisas que não permanecem no seu lugar, a mobilidades e expansões variadas, à globalização em muitas dimensões” (HANNERZ, 1997, p. 10). Nesse sentido é que podemos pensar nosso campo de observação também como fluído, corrido e que apresenta “linhas de fuga” e “linhas do devir” como nos fala Ingold (2011) quando retoma Deleuze e Guattari (2004).

Como vimos, é no contrario da captura e da contenção – na

descarga e vazamento - que descobrimos a vida das coisas. Com isso em mente podemos voltar a Deleuze e Guattari (2004, p.451, grifo dos autores), que insistem que onde quer que encontremos matéria, esta é “matéria em movimento, em fluxo, em variação”; e a consequência, continuam eles, é que “essa matéria-fluxo só pode ser seguida” (INGOLD, 2011 p. 35).

Os fluxos, de acordo com este autor, dizem respeito aos processos vitais e são também fluxos de materiais, fluxos entre coisas, que diferente da noção de objeto, as coisas estão vivas, possuem natureza porosa e vazante nas suas superfícies (INGOLD, 2011). Todavia tais considerações não podem deixar de lado as hierarquias e relações de forças que vão configurar as experiências humanas, os movimentos e os atos de reflexão. De fato, a natureza do campo movediço diz muito da empreitada a ser perseguida pelos novos fazeres antropológicos.

DO LABIRINTO DO CAMPO AO LABIRINTO DO TEXTO(N) ETNOGRÁFICO: AUTORIA E ALTERIDADE EM QUESTÃO

Se de um lado as interações no ciberespaço operam produzindo ambiguidades, estas não deixam de refletir discussões de outrora entre uma geração de antropólogos a respeito do êxito ou não dos seus trabalhos. Analisando

a crítica americana pós-moderna⁶ a respeito do tipo de autoria e de texto produzida pela antropologia clássica, Caldeira (1988) mostra como esta crítica foi importante para compreender como se deu a legitimação da fórmula: “estive lá, vi e, portanto, posso falar sobre o outro” que foi instituída por aqueles e que hoje podemos retomar, sob novas formas. A autora expõe de maneira esclarecedora, como ela (crítica pós-moderna) se desenvolveu, seu contexto, as alternativas a que levaram suas perspectivas e a realização dos seus trabalhos, contudo, em sua maioria, ainda não superando as ambiguidades postas da presença do autor nos discursos científicos.

Mas que tipo de presença é essa? Seguramente não é o mesmo tipo de presença do escritor que cria textos literários de ficção. A ficção antropológica (Geertz, 1973: Cap.1) tem algumas características peculiares: ela pretende de uma maneira objetiva (científica, diriam alguns) fazer a ponte entre dois mundos culturais, revelando para um deles uma outra realidade que só o antropólogo, este sujeito que experimenta e traduz, conhece. Presença ambígua, portanto, que precisa, ao mesmo tempo, mostrar-se (revelando a experiência pessoal) e esconder-se (garantindo a objetividade). Esta ambiguidade é a marca da presença do antropólogo nos textos (CALDEIRA, 1988, p. 134).

Para Clifford Geertz, os problemas epistemológicos inerentes à empreitada etnográfica, bem como os de ordem moral

da autoria, apresentados pelos antropólogos preocupados com a dimensão subjetiva dos fatos trazem uma série de entraves exagerados.

Diversos resultados lamentáveis decorrem desse sepultamento da questão de como os textos etnográficos são “autorizados” por baixo das angústias (a meu ver, bastante exageradas) a respeito da subjetividade. Entre eles encontra-se um empirismo exagerado até para as ciências sociais, porém um dos resultados mais nocivos é o do que, embora as ambiguidades implícitas nessa questão sejam profunda e continuamente sentidas, tem sido extremamente difícil abordá-las de modo direto (GEERTZ, 2002, p. 21).

Segundo este autor, a etnografia, seja ela o que for, é acima de tudo, uma apresentação do real, uma verbalização da vitalidade e que, portanto, o vínculo textual do “Estar lá” e do “Estar Aqui” da antropologia e a construção imaginativa de um terreno comum entre o “Escrito A” e o “Escrito Sobre” é a principal fonte da capacidade que tem a antropologia de ser persuasiva. Ao sistematizar informações coletadas a partir de experiências vividas em campo, os textos finais produzidos pelos pesquisadores, nunca deixam de serem interpretações de “segunda e terceira mão”.

As assimetrias morais através das quais trabalha a etnografia, bem como a complexidade discursiva em que ela funciona, tornam indefensável qualquer tentativa de retratá-la como

⁶ Teresa Pires do Rio Caldeira os referencia como principais: Boon 1982; Clifford 1981, 1983, 1986, Clifford e Marcus 1986, Fabian 1983; Marcus e Cushman 1982, Marcus e Fischer 1986; Rabinow 1985 e 1986; Stocking 1983, 1984, 1985, 1986; Strathern 1987.

mais do que representação de um tipo de vida nas categorias de outro. Talvez isso seja o bastante. Pessoalmente, penso que é (GEERTZ, 2002, p. 188).

Ainda que existam pretensões do contrário, afirma o autor, nenhuma delas conseguiu livrar-se do ônus da autoria, no máximo o aprofundou. Diante delas é merecedor apontar que o estado atual da situação no campo é, ao mesmo passo, desordenado e inventivo, aleatório e variado. “Mas este já esteve assim antes e encontrou uma direção. O que não teve [...] foi a consciência das origens de seu poder. Para que prospere, [...] precisa conscientizar-se” (GEERTZ, 2002, p. 190).

No entanto, boa parte das experiências pós-modernas encontrou eco, por assim dizer, nas tentativas de produzir uma nova maneira de escrever sobre culturas, um jeito que incorporasse no texto um pensamento e uma consciência sobre seus procedimentos, mas a respeito de um posicionamento político mais nítido, não foram além de evocações e menções genéricas onde se assume uma posição de autoridade dispersa e “confortavelmente” ignorando ou tendendo a ignorar, que o conhecimento antropológico produz-se em contexto específico “[...] de um lado, em processo de comunicação, marcado por relações de desigualdade e poder, e, de outro, em relação a um campo de forças que defini os tipos de enunciados que podem ser aceitos como verdadeiros” (CALDEIRA, 1988, p. 135).

É sabido que as condições em que se faz o trabalho de campo e o contexto em que se escreve sobre o “outro” mudaram radicalmente, apresentando um “nativo” que não está “isolado”, de fato nunca esteve. “Viver em comunicação em um lugar onde pessoas vêm e vão, interagem e se misturam com um grau considerável de pluralismo cultural é a condição normal da humanidade” (BARTH, 2005, p. 18). Porém, agora o “nativo” está imerso em redes de informações e interações instantâneas, distributivas e variadas, que são alimentadas por ele próprio e compartilhadas com outras pessoas, tornando-o mais reflexivo juntamente com o mundo. “O mundo de hoje também vem se tornando cada vez mais reflexivo, o que quer dizer que os leigos, os “nativos”, prestam atenção no que os especialistas dizem sobre eles, e muitas vezes o refutam” (HANNERZ, 1997, p. 29). É importante lembrar que estas relações não estão isentas da atenção do mercado, elas habitam um nicho de interesses e hierarquias, uma economia voltada para os signos se faz presente no seu meio, já que os signos, não os objetos, tendem a serem as principais mercadorias (LASH; URRY, 1994 *apud* HANNERZ, 1997). Porém, não se estaciona apenas diante de uma economia de signos nesse caso, mas também diante da operação de lógicas de reciprocidade oportunamente observáveis⁷. A complexidade de uma paisagem conceitual maior aponta para uma “macroantropologia”⁸

⁷ A exemplo, ver o trabalho que analisa o surgimento e consolidação do sistema operacional Linux. APGAUA, Renata. O linux e a Perspectiva da Dádiva. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 10, n. 21, jan./jun. 2004. p. 221-240.

⁸ “um ponto de vista bastante abrangente da coerência (relativa) e da dinâmica de entidades sociais e territoriais maiores do que aquelas convencionalmente abordadas pela disciplina” (HANNERZ, 1997).

segundo Hannerz, o que sensivelmente nos coloca a necessidade de novas modalidades de saberes e fazeres etnográficos, decerto, curiosamente constrangida, a exemplo uma antropologia da/na Internet e/ou uma (n)etnografia⁹ quando assunto recai sobre representações na interação “homem-máquina”, “real/virtual”.

CULTURAS LOCAIS NO CIBERESPAÇO: REPENSANDO RELAÇÕES ENTRE CULTURA E TECNOLOGIA

O viés analítico adotado por Mário J.L. Guimarães Jr., em seus estudos sobre Ciberespaço, pressupõe que as redes telemáticas configuram mais que um meio de comunicação, um espaço de sociabilidade (GUIMARÃES JR., 2000, p. 141). Seus estudos apontam que no interior deste espaço se desenvolvem culturas relativamente autônomas. A partir de dados etnográficos de sua pesquisa de mestrado, que abordou especificidades comunicacionais de uma plataforma de sociabilidade virtual multimídia, o Palace¹⁰, fizeram-lhe construir argumentações de que, os usuários desta plataforma ao trocarem “falas” através de textos, ao performatizarem suas interações através de um “corpo virtual” – um “avatar”¹¹, ao modificarem expressões faciais, demonstrarem preocupação com o seu vestuário no ambiente projetado e

em eventos específicos na plataforma, emitirem sons diversos, trocarem objetos com outros avatares e etc. Eles conformam uma cultura local.

Este local onde transcorre a ação é definido a partir da perspectiva de Pierre Lévy, para quem o virtual não se opõe ao real.

“O virtual não é o oposto do real, mas sim uma esfera singular da realidade, onde as categorias de espaço e tempo estão submetidas a um regime diferenciado” (GUIMARÃES JR., 2000, p. 142).

Neste sentido, o Ciberespaço necessita de uma definição cujas considerações devem colocar à exposição sua complexidade e sua heterogeneidade.

O termo “Ciberespaço” pode ser definido como o locus virtual criado pela junção das diferentes tecnologias de telecomunicação e telemática, em especial, mas não exclusivamente, as mediadas por computador. É importante sublinhar que esta definição não circunscreve o Ciberespaço a redes de computadores, mas sim percebe como suas instâncias diferentes aparatos de telecomunicação, desde tele-conferências analógicas, passando por redes de computadores, “pagers”, comunicação entre rádio-amadores, e por serviços do tipo “tele-amigo” [...]. O ciberespaço, assim definido, configura-se como um locus de extrema complexidade, de difícil compreensão em termos gerais, cuja heterogeneidade é notória ao percebermos o grande

⁹ O termo associa o prefixo net (referente à Internet) com ethnography e foi cunhado por um grupo de pesquisadores(as) norte americanos(as), Bishop, Star, Neumann, Ignacio, Sandusky & Schatz, em 1995 (BRAGA, 2006).

¹⁰ [HTTP://www.thepalace.com](http://www.thepalace.com)

¹¹ Representação gráfica de um corpo..

número de ambientes de sociabilidade existentes, no interior dos quais se estabelecem as mais diversas e variadas formas de interação, tanto entre homens, quanto entre homens e máquinas e, inclusive, entre máquinas (GUIMARÃES JR., 2000, p. 142).

Com efeito, a proposta deste autor para seu objeto de estudo é, realizar o que ele chama de “abordagem analítica intrínseca”, ou seja, um deslocamento na compreensão do Ciberespaço como “objeto”, em si, para um espaço frequentado por personas que constituem localidades e territorialidades. Tenta-se compreender as singularidades dos grupos desse universo “social”. Por outro lado, segundo o autor, existem as “abordagens extrínsecas” que tomam o Ciberespaço como mais um aspecto da cultura contemporânea. “Ambas as abordagens são válidas e complementares, na medida em que são apenas distinções analíticas, e em que, para cada uma, se constitui uma classe distinta de problemas” (GUIMARÃES JR., 2000, p. 143).

Todavia, o autor realiza a defesa de sua abordagem considerando que ela consegue perscrutar o interior do ciberespaço, buscando especificidades onde vigoram culturas localmente determinadas e negociadas.

A respeito das fronteiras entre on-line e off-line e seu “estatuto ontológico”, que ora delimitam dois universos distintos ora coloca-os como fortemente entrelaçados, o autor nos alerta para levarmos em consideração novamente, as especificidades das práticas sociais que ocorrem em seu interior, ou seja:

A opção por situar a pesquisa empírica no on-line, no off-line ou em ambos não pode ser tomada a priori, mas deve considerar critérios como a natureza do problema de investigação, a disponibilidade dos informantes e mesmo as contingências físicas (GUIMARÃES JR., 2000, p. 145)

Para este autor, certos recortes de análise, pode impossibilitar o acesso ao off-line enquanto que outros o tornam dispensável. Outra característica apontada no conjunto de abordagens sobre o tema é a flexibilidade das tecnologias de informação e comunicação. Esta natureza flexível se dá muitas vezes, no processo em que, tanto o hardware quanto software, serem elaborados, de forma a facilitar futuras alterações e reconfigurações, amplifica-se a relação simbiótica e ao mesmo tempo intrincada entre tecnologia e cultura.

A transformação e reelaboração – tanto simbólica quanto “material” – de artefatos culturais é ainda mais pronunciada quando esses artefatos são empregados como ferramentas e plataformas para a existência de culturas locais no ciberespaço. Tecnologias relacionadas à criação de espaços sociais são frequentemente utilizadas de formas diferenciadas àquela previstas por seus designers, sendo amplamente ressignificadas por seus usuários. As características e particularidades da vida social que se desenvolve dentro e através dessas tecnologias fazem com que seus usuários pressionem os limites das aplicações, de forma com que as mesmas se adequem às suas culturas locais (GUIMARÃES JR., 2004, p. 148).

Desta relação, decorre que as tecnologias utilizadas para a criação de ambientes de sociabilidade no ciberespaço, não são

apenas utilizadas em contextos sociais, mas sim, engendra esses contextos, na medida em que, estabelecem as condições necessárias para seu estabelecimento (GUIMARÃES JR., 2004). A relação entre tecnologia e cultura são aqui acreditadas, sob ponto de vista de sua fluidez e dinamismo, com usuários que adaptam e ressignificam, transformando de diversas maneiras tais tecnologias.

Esta diluição de fronteiras, no caso do desenvolvimento das tecnologias relacionadas à vida social no ciberespaço, tem implicações tanto na natureza da sociabilidade on-line quanto nos processos de desenvolvimento de tecnologias (GUIMARÃES JR., 2004, p. 133).

Com efeito, usos e estudos das tecnologias de realidade virtual, estabeleceu uma rede sócio-técnica¹² complexa e abrangente, que envolve desde acadêmicos, programadores, designers e usuários no desenvolvimento de produtos desse “nicho” tecnológico que são os avatares. Esta rede sócio-técnica dos avatares é parte de uma rede mais ampla atrelada à indústria da recreação (videogames e filmes), imagens biomédicas, interatividade de performance artística e outros. Neste caso, o autor usa o avatar, enquanto representação do usuário no ciberespaço, percorrendo “etnograficamente” várias etapas de sua produção: científica, empresarial, testes e uso. O que suas observações constataram é que os avatares, assim como qualquer outro artefato – são elaborados a

partir de determinadas concepções sobre seu possível uso. Estas concepções estão relacionadas com representações culturais sobre o que é um corpo e isto exerce um importante papel, na forma pela qual estas tecnologias são concebidas. Além do mais, surgem formas peculiares de gerenciar os conhecimentos técnicos entre os programadores. Por exemplo, são criados fóruns de discussões na web, que configuram um lócus profícuo de compreensão do contexto de produção de plataformas, que empregam tecnologia 3D nos dias atuais.

O processo de aprendizado do funcionamento e características da plataforma, além de truques para contornar as limitações e bugs da versão beta, ocupa um papel importante no dia-a-dia do fórum. Uma das atividades prestigiadas é a criação de tutorias na web a respeito de aspectos específicos da plataforma. Alguns desses tutoriais apresentam grande grau de sofisticação editorial, contando com exemplos e detalhes, e tornaram-se “clássicos”, citados com frequência para os novatos. Todas essas atividades contribuem para estreitar os laços entre os membros, dessa forma reforçando o sentimento de comunidade (GUIMARÃES JR., 2004, p. 140).

Um exame mais atento sobre estas relações poderão revelar especificidades sobre as novas modalidades de interação social, que ocorrem no ciberespaço, bem como suas implicações para suas

¹²Ver projeto de pesquisa: Avatars: Technologies of Embodiment in Cyberspace.

respectivas “culturas locais”. O tratamento empírico tanto quanto normativo destas questões, faz jus ao reconhecimento da importância das propostas colocadas por estes, por assim dizer, pioneiros de uma Antropologia na/da internet e uma (n)etnografia contemporânea. Em suma, elas revelam a necessidade de outros trabalhos que visem somar-se ao corpus de análise que ainda está em vias de construção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os percursos realizados até aqui, tentaram expor como problemáticas específicas podem ser levantadas na construção do conhecimento antropológico acerca da hipermídia e as relações e interações que daí decorre. A partir da ótica de experiências (n)etnográficas, realizadas elegendo as configurações on, off-line ou ambas, buscou-se compreender, em que medida, essas reflexões sobre textos, autoria e alteridade dialogam e/ou reelaboram velhos dilemas do ofício do antropólogo. A questão do método que abarque, não só o que está na “dobra” das relações simbólicas entre tecnologias e culturas, mas, sobretudo, às consequências que se reflete no mundo concreto, se faz necessário na compreensão da figura humana e seus coletivos, em tempos de fluxos cada vez mais velozes de informações e variações na transação de conhecimento e moldagem da cultura.

REFERÊNCIAS

- BARTH, Fredrik. Etnicidade e o Conceito de Cultura. **Antropolítica**, Niterói, n. 19, p. 15-30, 2 sem. 2005.
- BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.
- BRAGA, Adriana. Técnica etnográfica aplicada à comunicação online: uma discussão metodológica. **UNI revista**, v. 1, n. 3, jul. 2006. Disponível em: http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_Braga.PDF. Acesso em: 15 jul. 2013.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. A presença do autor e a pós-modernidade em Antropologia. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 21, p. 133- 157, jul. 1988.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. **Antropologia do Brasil: Mito, História, Etnicidade**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- GEERTZ, Clifford. **Obras e vidas: o antropólogo como autor**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002.
- GEERTZ, Clifford. Do ponto de vista de nativo: a natureza do pensamento antropológico. In: GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios de antropologia interpretativa**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001. p. 85-107.
- GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989. p. 13-41.
- GUIMARÃES JR., Mário J. L. De pés descalços no ciberespaço: tecnologia e cultura no cotidiano de um grupo social on-line. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p. 123-154, jan./jun. 2004.
- GUIMARÃES JR., Mário J. L. O ciberespaço como cenário para as Ciências Sociais. **Ilha: revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 139-154, dez. 2000.
- GUIMARÃES JR., Mário J. L. **O ciberespaço como cenário para as Ciências Sociais**. IX Congresso Brasileiro de Sociologia, Porto Alegre, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/14652/13398>. Acesso em: 08 ago. 2018.
- HANNERZ, Ulf. Fluxo, Fronteiras, Híbridos: palavras-chave da Antropologia transnacional. **Mana**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 1, p. 7-39, set./out. 1997.
- HINE, Christine. **Virtual Ethnography**. London: Sage, 2000.
- INGOLD, Tim. De sujeitos e objetos: um ensaio crítico de Antropologia da técnica e da tecnologia. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 17, n. 36, p. 95-125, jul./dez. 2011.

JUNGBLUT, Airton Luiz. A heterogenia do mundo on-line: algumas reflexões sobre virtualização, comunicação mediada por computador e ciberespaço. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p. 97-121, jan./jun. 2004.

KIM, Joon Ho. **Imagens da Cibercultura**: As figurações do ciberespaço e do ciborgue no cinema. 2005. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

KIM, Joon Ho. Cibernética, Ciborgues e Ciberespaço: notas sobre origens da cibernética e sua reinvenção cultural. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p. 199-219, jan./jun. 2004.

LÈVY, Pierre. **O ciberespaço e a economia da atenção**. In: PARENTE, André (org.). *Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

LÈVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, Nádialaguárdia de. **Fascínio e alienação no ciberespaço**: uma contribuição para o campo da educação. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro. **RBCS**, São Paulo, n. 49, jun. 2002.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p. 41-65, jan./jun. 2004.

NICOLLACI-DA-COSTA, A. M. **Cabeças digitais**: o cotidiano na Era da Informação. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio/Loyola, 2006.

NICOLLACI-DA-COSTA, A. M. **Na malha da rede**: os impactos íntimos da internet. Rio de Janeiro: Campus, 1998.